

O tempo que morria dentro de mim

confluências entre a cidade
de Manaus e o narrador Nael
no romance
dois irmãos

*Claudia Maria de Serrão Pereira*¹

Resumo:

Este artigo analisa as relações de confluência entre a cidade de Manaus e o narrador Nael, do romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, perante as mudanças sociais ocorridas na cidade com a industrialização e a mercantilização dos bens culturais entre os anos de 1920 e 1960. Conforme Fredric Jameson (1992, 1997), durante esse período ocorrem transformações estéticas dos bens culturais, afetando as relações que estes estabelecem com os sujeitos. Para o autor, o *capitalismo tardio* pode ser visto como causa das mudanças que ocasionam o momento histórico-cultural denominado *pós-modernidade*. Desse modo, considerando que nesse período a cidade de Manaus passa por uma sede de desenvolvimento, esmaecendo aos poucos a sua história com a chegada do progresso e de uma política que privilegiou determinado setor social em detrimento de outros, pretendemos analisar a confluência que se estabelecem entre o narrador e o espaço urbano, uma vez que consideramos que Nael não apenas busca sua origem (identidade), mas luta por uma resistência política da própria espacialidade em que se insere como sujeito, preservando as memórias do que o faz vivo: a casa e a cidade.

Palavras-chaves:

pós-modernidade; cidade; *Dois irmãos*; Milton Hatoum.

Abstract:

This article analyzes relationships of confluence between the Brazilian city of Manaus and the narrator of Milton Hatoum's *The Brothers*, Nael, towards the social changes that occurred between 1920 and 1960 with the industrialization and the commodification of cultural goods. According to Fredric Jameson (1992, 1997), aesthetic

transformations of cultural goods took place during this period, affecting the relationships that the latter establish with individuals. For the author, late capitalism can be considered a cause of the changes that entail the cultural-historical moment called “postmodernity”. Thus, considering that in this period Manaus undergoes a thirst for “development” that progressively effaces its own History with progress and policies that favor a certain social sector over the other, we intend to analyze the confluence between the narrator and urban spaces, since we consider that Nael not only seeks knowledge about his origin (identity), but also struggles for the political resistance of the spatiality in which he acts as a subject, preserving memories of what makes him live: the house and the city.

Keywords:

postmodernity; city; *The Brothers*; Milton Hatoum.

Introdução

Em 1989, Milton Hatoum publicou seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente*, colocando-o nas estantes das livrarias nacionais pela Companhia das Letras e sendo premiado em 1990 com o prêmio Jabuti de melhor romance do ano. Bosi (1994, p. 437) afirma que o diferencial de Milton Hatoum era o de não construir narrativas sobre “os seringueiros ou índios massacrados”, tendo as reminiscências como grande tema. Segundo o teórico, isso remeteria a obras célebres de Flaubert e de Graciliano Ramos. Já no começo do século XXI, Hatoum publicou *Dois irmãos* (2000), novamente pela Companhia das Letras. Desta vez, seu enredo centrava-se nos conflitos entre os gêmeos Yaqub e Omar e em suas relações com os familiares Halim, Zana e Rânia, além da empregada Domingas e seu filho Nael, o narrador do romance, que relembra os momentos vividos na casa em busca de fragmentos que possibilitem descobrir a identidade de seu pai. Assim como seu primeiro romance, *Dois irmãos* obteve uma boa recepção de público e crítica, consagrando Milton Hatoum como um dos mais importantes ficcionistas da contemporaneidade brasileira. Anos depois, o autor lançou ainda *Cinzas do Norte* (2005), que finalizava a trilogia dos romances, assim como as coletâneas de contos *A cidade ilhada* (2009), *Órfãos do Eldorado* (2008) e a coletânea de crônicas *Um solitário à espreita* (2013). Como consequência da difusão de suas obras, os estudos de ficção da literatura brasileira evidenciaram e retomaram discussões acerca dos conceitos de identidade e regionalismo, culminando em conceitos como regionalismo revisitado.

Em uma entrevista concedida a Jorge e Pinheiro, Hatoum comenta sobre as relações afetivas e pessoais na atual conjuntura social, afirmando que ele próprio talvez seja o “penúltimo afrancesado” da literatura brasileira dos anos 1970 adiante. Isto nos incita ao estudo, visto que suas obras pertencem a uma conjuntura em que, em âmbito nacional, a situação econômica e política do Brasil passa por reformulações após o fim do período de ditadura militar e, em âmbito global, o mercado internacional também passa por reposicionamentos e a “informação” parece tomar caráter de commodity.

Suas personagens chamam atenção por estarem inseridas em tal conjuntura de transformação socioeconômica brasileira e mundial. Tânia Pellegrini (2004) cita que, diferentemente do primeiro romance de Hatoum, a ficção de *Dois irmãos* disfarça como tema secundário um inconsciente sobre o processo de modernização do Brasil, que coincide com as mudanças em Manaus:

[...] nessa trama, mais no segundo que no primeiro romance, avulta também o tempo da história brasileira, disfarçado como tema secundário: o do processo de modernização do país, com ecos específicos na região norte, que, talvez mais do que em outros lugares, revela com crueza as marcas da convivência de progresso e atraso, de avanço e estagnação, de permanência e mudança. Os dois livros têm Manaus como seu espaço privilegiado, a cidade ilhada pelo rio e pela floresta, que, desde o fim da *belle époque* da borracha, adaptou-se como foi possível a cada nova circunstância dada pelo desenvolvimento do capitalismo. Nesse sentido, tem-se a história do país refletida num pequeno mundo e a ele circunscrita, transmitindo valores humanos específicos, assim fazendo a passagem do local para o universal. (PELLEGRINI, 2004, p. 123)

A temática da memória também é citada por Luiz Costa Lima (2000) como traço comum nos dos primeiros romances do autor, embora seja mobilizada de modos profundamente distintos: enquanto o primeiro volta-se para uma narradora com distúrbios mentais, o segundo direciona-se para um narrador cuja mãe foi domesticada e violentada por imigrantes libaneses e cuja vida anda conforme o desenrolar da família dos irmãos gêmeos. Porém, como o próprio autor afirma, Manaus não “é um simples cenário para uma ficção”, mas uma narrativa cujos personagens correspondem às próprias mudanças de uma sociedade, não apenas local, mas global. As mudanças, ainda, de um processo de criação artesanal dos artefatos, em que formas específicas de cortar os peixes que servirão de alimento e a escolha da fruta nas feiras são comuns a uma sociedade de estrato indígena em direção à próspera sociedade técnico-informacional.

Desta forma, pondera-se que a relação entre as personagens e a cidade de Manaus não deve ser tomada por superficial; pelo contrário, ela se configura como uma relação de confluência complexa em que a cidade soa sentidos de um novo sentimento de espaço-tempo (a pós-modernidade) àqueles envolvidos na trama, possibilitando-nos a reflexão sobre conjuntura em que nos encontramos a partir da obra literária. Isto equivale a afirmar que as obras não são apenas reflexos de um momento, uma vez que elas *resistem e inflexionam*; além disso, conforme Antonio Candido (1985), ao mesmo tempo em que as obras são influenciadas pela sociedade, também a influenciam, provocando assim uma dialética dos fatos.

Na obra, essa resistência evidencia-se de modo mais intenso na relação de Nael com a cidade, que se faz aparecer muitas vezes como uma espécie de fotografias de momentos. Partiremos então das considerações de que, na obra, Manaus não se estabelece apenas como lembrança, nostalgia ou representação, pois ela locomove seus sujeitos, assim como seus sujeitos a locomovem. Consideraremos que a resistência presente na narrativa é *política*, mobilizando estratégias que direcionam o leitor a uma reflexão sobre si e sua relação com o espaço em que vive a partir de artefatos culturais e de historicidades que se perderam na selva de pedra, mas que ainda se colocam reluzentes em algumas estruturas.

Manaus e o desenvolvimento tardio

Entre os anos de 1914 e 1980, Manaus passou por transformações sociais e urbanas, sofrendo, conforme Cantanhede (2014), um processo de estagnação econômica a partir de 1920, processo reparado somente pela criação da Zona Franca de Manaus (ZFM) pelo Decreto-Lei 288/1967. Em *Dois Irmãos*, essas transformações dialogam com a construção de Nael, personagem que busca nas memórias de outros uma reflexão sobre si mesmo para construir sua *persona*, fragmentada pela ausência de um não-passado: “Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. As origens: as origens” (HATOUM, 2006, p. 54).

Desse modo, o personagem constrói pelas vozes de outros a cidade que não é vivida por ele e que, no período descrito, emerge sob a égide do “desenvolvimento”, alterando as relações dos sujeitos com os artefatos culturais:

Relatos e pesquisas sobre Manaus entre os anos de 1920 e 1960 não são unânimes em afirmar que na cidade neste período, desde a decadência do ciclo econômico de base extrativista da borracha após meados da Primeira Guerra Mundial, até a instauração da Zona Franca de Manaus – ZFM ocorreu um processo de estagnação generalizada. A anulação ou negação deste intervalo temporal, em narrativas mais recorrentes, onde predominam leituras de base econômica, tomam esses dois ciclos, da borracha e da Zona Franca de Manaus, como base para a determinação de fenômenos sociais especializados na capital. Ao contrário, outras interpretações da cidade são voltadas à análise de sociabilidades e vivências também presentes no espaço urbano, ocultadas ou ignoradas pelas narrativas prevalentes a respeito desse período, anterior às transformações mais radicais do espaço urbano, que só viriam a ocorrer com aquela economia de base industrial. (CANTANHEDE, 2014, p. 36)

No romance, a narrativa ocorre a partir de 1914 – já durante a Primeira Guerra Mundial –, época em que a economia da cidade começava a entrar em crise e refugiados chegavam à cidade em busca do auge do *ouro branco*. Na passagem referente a esse momento, temos uma descrição do restaurante Biblos, ponto de encontros de imigrantes:

[...] o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que rodeavam [...]. (HATOUM, 2006, p.36)

Parece-nos importante observar que os chamados “barões da borracha” passaram a abandonar Manaus nesta época, ao passo que aqueles que sobreviviam do extrativismo se deslocavam a ela forçosamente num momento de fechamento econômico. Cantanhede afirma que para alguns autores a mudança na urbanização da cidade não se deu neste período propriamente, pois mesmo antes da queda da borracha as orlas do rio já eram ocupadas por casas de palafitas.

Anos mais tarde surgiria a *Cidade Flutuante*, marca de um momento essencial para a compreensão das mudanças sociais ocorridas em Manaus – representadas também na narrativa do romance – e, em certos aspectos, no globo. Espelho da economia frustrada de uma cidade que tivera seus momentos áureos, a Cidade Flutuante era um lugar com casas de madeira e palha, construídas sobre troncos de árvores, chegando a ter uma população de 11.000 mil habitantes, conforme os apontamentos de Leno Souza:

Para a personagem Halim – pai dos gêmeos Yaçub e Omar –, os golpes de martelo que desmorraram a Cidade Flutuante foram como se proferidos a ele mesmo:

[...] os moradores xingavam os demolidores, não queriam morar longe do pequeno porto, longe do rio. Halim balançava a cabeça, revoltado, vendo todas aquelas casinhas serem derrubada. Erguia a bengala e soltava uns palavões e gritava “Por que estão fazendo isso? Não vamos deixar, não vamos”, mas os policiais impediam a

entrada do bairro. Ele ficou engasgado, e começou a chorar quando viu as tabernas e o seu bar predileto, A sereia do Rio, serem desmantelados a golpes de machado [...]. Tudo se desfez num só dia, o bairro todo desapareceu. Os troncos ficaram flutuando, até serem engolidos pela noite. (HATOUM, 2006, p. 159)

Com a desocupação da Cidade Flutuante, seus moradores não tiveram outra opção a não ser transitar para outros lugares, de modo que a narrativa reflete nas personagens o desespero dos moradores ao se afastarem do porto, para “longe do rio”. Ao consultar os jornais do período, podemos verificar que o desenvolvimento da cidade havia sido tratado pelos políticos da região como “um problema de saúde pública, ou na condição de lugar urbano, como território que causava repulsa à parte da população local” (CANTANHEDE, 2014, p. 132).

Em *O Jornal e Diário da Tarde*, há um trecho de uma reportagem que comenta sobre as primeiras retiradas de moradores, no caso a moradora Maria Raimunda Soares, sua irmã e seus quatro filhos, vindos da cidade de Tefé:

A família vivia em Manaus desde o ano passado, em condições humilhantes. Veio para Manaus, *tentadas pelas facilidades da cidade grande* que, no entanto, só lhe ofereceram desesperanças e desencantos, problemas que é o da maioria dos habitantes da “cidade flutuante”. *Voltou, assim, feliz ao chão de onde viera, para o convívio de seus parentes e amigos. A todos, foram proporcionadas passagens grátis.* (*O JORNAL e Diário da Tarde*, grifos nossos)¹

De acordo com tal trecho, aparentemente a moradora retornou para o interior do estado feliz com sua irmã e seus filhos; no entanto, contrastando o fragmento do jornal com o trecho do romance acima reproduzido, tal perspectiva é questionável – segundo outro posicionamento, o governo teria dado condições somente àqueles que já possuíam capital acumulado, forçando a maior parte dos moradores a se retirar:

Todas as casas da cidade flutuante foram retiradas e aqueles moradores com maior poder aquisitivo foram transferidos para os Conjuntos Residenciais de Flores e da Raiz que foram construídos com recursos do BNH – Banco Nacional da Habitação – para receber os moradores. Todavia a maioria recebeu apenas uma pequena ajuda, autorização para desmanchar a casa flutuante em um meio de transporte para transferir o material para construir um barraco em outro local da cidade. (CANTANHEDE, 2014, p. 81)

Para a autora, a retirada destes moradores não estaria somente associada a questões de higiene, mas à instauração da ZFM durante o governo militar, visto que sua existência traria dificuldade para as transações econômicas. No romance, os reflexos desta instauração podem ser encontrados nas últimas páginas do livro, levantando questões associadas ainda à criação dos bairros operários e à industrialização da cidade. Conforme apontado antes, após a demolição da *Cidade Flutuante* o governo tomou medidas para criação de bairros que pudessem abrigar os moradores com alta renda aquisitiva, enquanto outros bairros surgiam como resposta dos que não tinham como pagar a moradia:

A ampliação das dimensões físicas da cidade, o novo ritmo urbano, o aumento expressivo do número de automóveis, a degradação dos edifícios ecléticos produzidos durante o “ciclo da borracha”, a presença de “favelas” e outras ocupações não ordenadas pelo poder público e sua antítese, os grandes conjuntos habitacionais, são percebidos como componentes característicos dessa paisagem em processo de transformação. Para enaltecer ou criticar, esses foram alguns dos traços característicos da cidade, aos olhos de alguns dos que viviam em meio a essa transformação. (CANTANHEDE, 2014, p.137)

A narrativa mostra as novas formações de identidade que se desenvolviam junto às mudanças sociais: se no começo temos uma Manaus isolada cujos igarapés e florestas haviam sido intactos antes de serem assombrados pelos fantasmas do Ciclo da Borracha, no final da narrativa a aparência da cidade é outra, com “suas indústrias e seu comércio” e seus “painéis luminosos com letreiros em inglês, chinês e japonês” (HATOUM, 2006, p. 169). De modo paralelo a esse desenvolvimento da cidade, a casa habitada pelas personagens se desmorona, de modo que ela “foi se esvaziando e em pouco tempo, envelheceu. Rânia comprara um bangalô num dos bairros construídos nas áreas desmatadas ao norte de Manaus” (HATOUM, 2006, p. 184).

Sintomas da pós-modernidade

Se por um lado Bosi (1994) destaca os diferenciais que a obra de Hatoum apresenta diante de outras obras que retratam o universo amazônico, por outro também podemos observar as transformações ocorridas no espaço urbano e social de Manaus, motes da narrativa do autor, como sintomas de uma “pós-modernidade”, conceitualizada por Fredric Jameson (1997) não apenas como uma ruptura estética, mas como a visão de um momento histórico – cultural que se estabelece pelos modos de produção, mobilizados pela fase chamada *capitalismo tardio*, sendo uma consequência da Segunda Guerra Mundial, que provocara o desenvolvimento de novos produtos, tecnologias e, principalmente, das novas mídias:

[...] Mandel sugere que os pré-requisitos tecnológicos básicos para a nova “onda longa” do terceiro estágio do capitalismo (aqui denominado de “capitalismo tardio”) estavam dados no final da Segunda Guerra Mundial, que também teve o efeito de reorganizar as relações internacionais, acelerar a descolonização e lançar bases para a emergência de um novo sistema econômico mundial. (CANTANHEDE, 2014, p. 23)

A consciência adquirida neste momento dos bens culturais seria divergente daquela estabelecida no período *moderno*, pois estão associadas a uma busca pelas rupturas e momentaneidades, nas quais a “natureza” perde sua representatividade em detrimento da significação da “cultura” enquanto um meio de prazer e um produto de mercado, de modo que o sujeito é levado a uma ideia de fragmentação completa em que se instauram novas compreensões de si e do mundo que o cerca. Assim, o modo como os objetos culturais são produzidos nos induziriam a perceber os sintomas da pós-modernidade. Além da fragmentação do sujeito, temos como decorrência desse momento (i) o *waning of affect* (esmaecimento do afeto), cujo efeito sobre os sujeitos é o da substituição do sentimento de afeto pela sensação de intensidade, comprimindo sua historicidade e caracterizando-o pela presença constante de um *agora*; (ii) a generalização das trocas de bens, que encontra nas concepções neoliberais um incentivo para sua amplitude; e (iii) a recorrente criação de mundos fictícios e imaginário pautados em uma visão fracionada do real:

O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desviada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas, aviões), com um ritmo de *turn over* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo. (CANTANHEDE, 2014, p. 30)

No caso de Manaus, os sintomas podem ser evidenciados a partir da implantação da zona de comércio, com a qual edifícios e letreiros começam a fazer parte do dia a dia das comunidades – “Agora a fachada da loja exibia vitrines, e pouca coisa restava que lembrasse o antigo armazém situado a menos de duzentos metros da praia do Negro” (HATOUM, 2006, p. 99). A zona de consumo começa a chamar atenção não apenas dos moradores, mas também de pessoas de outros lugares, devido à variedade de seus produtos e aos preços a que estes eram vendidos; contudo, os avanços econômicos aparentemente não fazem a cidade progredir por completo, uma vez que novamente as mudanças parecem ser acessíveis somente a uma parcela financeiramente mais consolidada da sociedade:

Eu acabara de dar minha primeira aula no liceu onde havia estudado e vim a pé para cá, sob a chuva, observando as valetas que dragavam o lixo, os leprosos amontoados, encolhidos debaixo dos oitizeiros. Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com o seu passado. (HATOUM, 2006, p. 197)

As mudanças ocorridas na cidade são, assim, planejadas a *outros*, e não àqueles que realmente necessitavam e que se integravam à sua construção diária, problemática inserida nos questionamentos ao tema *globalização*: desenvolvimento para quem? Em certa passagem que descreve a instalação paulatina das indústrias no Brasil e em Manaus, temos em *Dois irmãos* a retratação de um sentimento de dissolução desse desenvolvimento nos problemas que perseguem suas personagens:

[...] Halim nunca quis ter mais que o necessário para comer, e comer bem. Não se azucrinava com as gotearias nem com os morcegos, que aninhados no forro, sob as telhas quebradas, faziam voos rasantes nas muitas noites sem luz. Noites de blecaute no norte, enquanto a nova capital do país estava sendo inaugurada. A euforia, que vinha de um Brasil tão distante, chegava a Manaus como um sopro amornado. E o futuro, ou a ideia de um futuro promissor, dissolvia-se no mormaço amazônico. Estávamos longe da era industrial e mais longe ainda do nosso passado grandioso [...] (HATOUM, 2006, p. 96)

Para discutir a pós-modernidade brasileira, Tânia Pellegrini (2008) retoma conceitos de Jameson e de outros estudiosos para olhar a ficção da literatura contemporânea nacional como prognóstico deste momento. Segundo suas compreensões, há um contraste entre Brasil e os países ditos “de primeiro mundo” oriundo do fato do primeiro possuir aspectos instáveis provocados pelas desigualdades socioeconômicas entre suas regiões:

[...] mesmo fazendo parte de uma comunidade planetária, que praticamente desconhece as fronteiras nacionais, tal o poder da mídia e da internet, ainda se observa no Brasil um grande descompasso, em todos os níveis; devido à convivência de atrasos e progresso, de miséria e sofisticação tecnológica, presente, sobretudo nas desigualdades regionais. (PELLEGRINI, 2008, p. 69)

Conforme a estudiosa, tais mudanças ocorridas no Brasil se associam à ditadura promovida pelos militares. A *estética profunda*, termo balizado por ela, discorre que a ditadura não apenas censurou e destruiu obras, mas instaurou meios de manipulação em massa responsável pela transformação do modo de produção artesanal em mercadorias (uso das máquinas e, posteriormente, de redes de informação) em pró do progresso de uma economia supostamente “avançada”.

Em outras palavras, surgia naquela conjuntura uma forma de legitimação do capital. Desse modo, novas formas de leitura *best-seller* são implantadas para o fortalecimento do mercado editorial e dos novos meios, enquanto autores engajados contra o regime militar adéquam suas narrativas aos novos parâmetros. A ficção brasileira contemporânea estaria alçada nessas bases, levadas pelo capital emergente; contudo, não podemos afirmar que ela estivesse de todo submissa ao regime, visto que alguns autores utilizavam deste mecanismo como possibilidade de denunciar as mazelas provocadas pelos aparelhos ideológicos instaurados pelos militares.

Sendo assim, Pellegrini afirma que olhar para as literaturas que surgem nesse momento possibilita o entendimento da história que elas se vinculam, pois elas não estão submersas apenas em questões de um novo *estilo*, mas em uma questão estética em confluência com o capital emergente. *Dois irmãos*, por exemplo, nos proporciona a leitura de uma Manaus em desordem, a qual se afugenta na necessidade de olhar ao passado como formas de promessas – o que fica evidente em seu narrador. As novidades vindas do Sudeste parecem soar distante de Manaus. Com a implantação da ditadura e com instalação da Zona Franca com seus anseios tecnológicos e com suas ditas “oportunidades”, novos ares foram se formando, e uma cidade antes horizontal, iniciou um processo de verticalização, afastando-se assim de seu rio.

Nael em fragmentos

Em *Dois irmãos*, a cidade de Manaus é mostrada de forma nostálgica por seu narrador, Nael.⁶ Apesar de serem de *outros*, suas memórias revelam uma Manaus em metamorfose: de seus bailes de Carnaval e brincadeiras de curumins a uma cidade em busca do progresso. Seus relatos dizem respeito a outras personagens e poucas vezes se referem a seu *eu*, a suas angústias mais internas e à sua reflexão sobre elas. Com o propósito de descobrir quem é seu pai, Nael precisa rever as memórias daqueles que lhe eram mais próximos, ou seja, olhando para trás: “o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer” (HATOUM, 2006, p. 197).

Nael é um personagem instigante dentro da narrativa de *Dois irmãos*. Ele vive numa casa dos fundos, mantendo uma relação íntima com a família (da qual é empregado) ao mesmo tempo em que se faz perceptível um distanciamento. Ao decorrer da narrativa, descobrimos que ele é filho de um dos irmãos gêmeos: sua mãe fora, talvez, violentada por Omar, fato que se torna foco no final da narrativa, ainda que sempre estejamos atentos aos conflitos dos irmãos.

Num primeiro momento, poderíamos deter nossas leituras somente sobre esses elementos que constroem a tensão entre os irmãos, ou sobre a busca de uma identidade do narrador. Entretanto, ao mobilizarmos leituras de Jameson (1992), podemos ler a narrativa como um *ato simbolicamente político*² e de *resistência*, de modo que nossa interpretação avança para além do que é lido numa primeira superfície. Se avaliarmos as questões sociais e econômicas associadas ao modo de como se descreve Manaus, perceberemos que ela não é apenas um reflexo ou uma lembrança exercida no texto – o que seria uma *estratégia de contenção*³ –, mas uma forma política de resistir coexistente com o posicionamento do narrador frente às mudanças ocorridas na pós-modernidade.

Percebemos que ambos – tanto Manaus quanto o personagem Nael – passam por transformações em sua formação social. O possível desenvolvimento da cidade de Manaus associado aos progressos tecnológicos e das relações internacionais são para Nael um confronto com seu futuro próximo; para o narrador, a possibilidade de desvencilhar dos problemas não resolvidos de uma família fragmentada fazem com que ele se aproxime de si mesmo, afastando-se então do seu passado guardado. A Manaus de Nael não é mais a mesma, ela passa por transformações urbanísticas com a zona industrial, perde a construção de sua história: as casas com os azulejos portugueses, as construções baseadas na estética francesa, as ruas e à arborização são destruídos pelo avanço, a fisionomia urbana muda para dar lugar a grandes avenidas e prédios altos. A casa de Nael também se modifica. O narrador percebe que o casarão em que sempre viveu se deteriora aos poucos, levando consigo os objetos e características de sua infância daquilo que lhe complementa substancialmente: o espaço. Os objetos, pelos quais possui tanto apreço, serão substituídos por imagens, simulacros, criações imaginárias. Já não serão mais afetivos, serão momentâneos, como hologramas. A sincronia agora importa mais do que a diacronia:

Com a ruptura da cadeia de significação, o esquizofrênico se reduz à experiência dos puros significantes materiais, ou, em outras palavras, a uma série de puros presentes, não relacionados ao tempo. (JAMESON, 1992, p. 53)

Nael cria resistência e preserva em suas memórias os resquícios daqueles com que teve contato. Há nele a necessidade de historicizar aqueles momentos. Suas memórias não podem ser perdidas, pois são elas seu modo de alcançar o futuro desejado e de se reconciliar com os seus problemas. A memória torna-se uma forma de resistência dentro de um quarto pequeno e quase caindo aos pedaços. Do mesmo modo, Manaus preserva suas memórias na cultura popular: na comida, na rede de balanço, na fala. Apesar das mudanças, realçadas pela criação de bairros e pelo comércio, muito se preserva naqueles que são obrigados a se enquadrar nos novos parâmetros sociais. Domingas, mãe de Nael, reflete isso.

Moradora de uma comunidade do interior de Manaus, ela é retirada de seu espaço e posta nas novas condições de um ambiente desconhecido. É condicionada a viver num outro mundo, no qual é vista como uma “indiazinha”, que deve ser domesticada; porém, parafraseando Djalma Batista (2007), apesar de todas as mudanças de organização em Manaus, se mantém substanciais e históricas as características de um povo. Isto se reflete na admiração que Nael tem ao ver a alegria que Domingas sente ao retornar, brevemente, a sua terra de origem:

Durante a viagem, Domingas se alegrou, quase infantil, dona de sua voz e do seu corpo. Sentada na proa, o rosto ao sol, parecia livre e dizia para mim: “Olha as batuínas e as jaçanãs”, apontando esses pássaros que triscava a água escura ou chapinhavam sobre folhas de matupá; apontava as ciganas aninhadas nos galhos tortuosos dos aturdias e os jacamins, com uma gritaria estranha, cortando em bando o céu grandioso, pesado de nuvens. Minha mãe não se esquecera desses pássaros: reconhecia os sons e os nomes, e mirava ansiosa, o vasto horizonte rio acima, lembrando o lugar onde nascera, perto do povoado de São João, [...]. (HATOUM, 2006, p. 55)

Ao analisar como os elementos urbanos de Manaus estabelecem uma relação de confluência com seu narrador Nael, entendemos que sua busca pelas suas origens não se constitui apenas como uma questão de identidade, ou de uma representação, mas diz respeito também a um enunciador que proclama e que tenta se afastar das transformações em Manaus: artesanais, industriais e informacionais (o que não aparece na narrativa). Assim entendida, a pós-modernidade é então tomada simultaneamente como causa e desdobramento de novas condições de produção que afetam os modos culturais de um povo, condições que Jameson delinea consequências do “capitalismo tardio”. Nael busca, assim, resguardar suas memórias, pois para ele o ato de escrevê-las lhe dá vida.

A ação de Nael em preservar a história e resistir *aqui e agora* coincide com a natureza artesanal e extrativista de Manaus que se converte em sociedade industrial, sem ao menos ser pensada e planejada para a maioria da população, ocasionando um estilo de vida do qual o próprio narrador busca se afastar e isolar como se fora uma ilha. No entanto, isto é paradoxal ao narrador, pois o mesmo sabe que as mudanças lhe são necessárias, uma vez que o passado lhe causa sofrimento.

Contudo, ele mesmo não as direciona, pois não lhe foi oferecida esta alternativa: sua própria vida é regada de memórias e respostas que lhe são externas. Tanto Manaus como Nael resistem e buscam respostas não exatamente de uma identidade – um elemento tão diluído no contexto –, mas do modo como os seus espaços foram tomados, usados e transformados. O abstrato e os resíduos da memória se tornam uma reação àquilo que lhe é imposto, um pulsar do inconsciente sensível.

Considerações finais

Apesar de *Dois irmãos* nos prender inicialmente aos conflitos familiares dos irmãos gêmeos, o narrador nos conduz às suas origens desconhecidas e também a sua Manaus em vias de transformações urbanísticas e sociais. Preso a um passado do espaço que lhe confere vida como sujeito, o narrador estranha e sente-se deslocado na sociedade industrial que nasce em Manaus com a criação da Zona Franca. A cidade passa a ser reconstituir social e economicamente com esse estilo de vida, que de saída, concentrou-se apenas em uma série de privilégios para certos indivíduos, enquanto outra parte de habitantes teve que se adaptar ao novo lugar, buscando viver nesse lugar estranhado e afastado de sua realidade.

Daí a importância de relacionarmos a constituição estética e narrativa do romance com a constituição de um histórico local e que envolve diversas espacialidades: mais do que *representar* Manaus, Nael a toma para si, reflete sobre suas mudanças, modifica os imaginários que sobre ela se produzem. Em um ato de resistência, Nael preserva a memória – um ato simbolicamente político – que aos poucos são arrancadas pelas mortes e progressos de uma vida.

Agradecimentos

A autora agradece à *Fundação de Amparo de Pesquisa do Estado do Amazonas* (Fapeam) pela possibilidade de realizar esta análise, que integra um conjunto de pesquisas sobre o romance *Dois irmãos*. Também agradece ao grupo de pesquisa *Comunica* (inscrições linguísticas na comunicação) e o *Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura* (PPGLit/UFSCar) pelas contribuições no decorrer do mestrado.

Referências

- BATISTA, Djalma. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. 2. ed. Manaus: Valer, Edua e Inpa, 2007.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANTANHEDE, Vlândia. *Habitar a cidade: provisão estatal de moradia em Manaus, de 1943 a 1975*. Manaus. 2014. Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. Tradução de Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1997.
- JORGE, Verónica; PINHEIRO, Maria da Luz. Manuscrito de Milton Hatoum. *Revista de Crítica Genética (USP)*, n. 15, p. 163-165, São Paulo, 2007.
- LIMA, Luiz Costa. A ilha flutuante. *Mais!, Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 18-19. 24/09/2000.
- PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. Annablume: São Paulo, 2008.
- _____. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review: Projetc, Muse*, n. 1, p. 121-138, 2004.
- PEREIRA, C. M. S. Maria Yack: somos os sonhos daqueles que dormem. Imagem retirada do "O jornal e Diário da Tarde. Disponível em: < <https://mariayack.wordpress.com/fotosmah/cidade-flutuante/>>. Acesso: 15 de jan. 2016.
- SOUZA, Leno. A "Cidade flutuante" de Manaus: discutindo conceitos. *Revista Aedos (UFRGS)*, v. 3, n. 6, p. 148-165, 2010.

Notas

1 O trecho da reportagem foi retirado de uma foto feita por mim num trabalho de campo documental, no ano de 2012, na Biblioteca Pública Estadual do Amazonas; contudo, perdeu-se o referencial do jornal, restando somente a imagem que foi arquivada num blogue pessoal.

2 "Este livro vai argumentar em favor da prioridade da interpretação política dos textos literários. Ele concebe a perspectiva política dos textos literários. Ele concebe a perspectiva política não como método suplementar, não como auxiliar opcional de outros métodos interpretativos hoje em uso – o psicanalítico, o mítico-crítico, o estilístico, o ético, o estrutural –, mas como horizonte absoluto de toda leitura e de toda interpretação." (JAMESON, 1992, p.16)

3 Jameson (1992) utiliza o termo "estratégia de contenção" para se referir aos elementos e formalidades que nos "prendem" à leitura, a qual não possibilita que vejamos sua totalidade.

